

Editorial

Com este número encerra-se o quinto volume de *Scientiæ studia*, publicando contribuições variadas que, entretanto, mantêm entre si um claro vínculo na perspectiva de análise histórico-conceitual empregada. Ele inicia-se com a intrigante questão da relação existente entre a hipótese do *quantum* de luz e a teoria da relatividade especial, ambas formuladas por Einstein no admirável ano de 1905; em seguida, conduz às metáforas do orgânico em Kant, nas fronteiras entre as concepções científicas acerca da geração dos seres vivos e a concepção epistemológica do inato, no final do século XVIII; para terminar praticamente na primeira década do século XVII, com os desenvolvimentos ópticos de Johannes Kepler e a “teoria das marés” de Francis Bacon. Cabe ainda ressaltar que este número inaugura o procedimento editorial de publicação bilingüe (latim/português ou latim/espanhol) dos documentos científicos traduzidos de textos originais latinos, com o que *Scientiæ Studia* pretende dar sua modesta colaboração para a difusão das línguas clássicas.

No primeiro artigo, Alejandro Cassini e Marcelo Leonardo Levinas arrolam oito razões principais – que vão de razões ontológicas (relativas à existência do espaço absoluto, do éter, do campo eletromagnético) a razões epistemológicas, ligadas às hipóteses e a diferenças de apresentação das teorias – pelas quais Albert Einstein não faz referência, no célebre artigo de 1905, no qual introduz a teoria especial da relatividade, ao artigo anterior, publicado três meses antes, no qual circunscreve e define o conceito de *quantum* de luz, no âmbito de uma caracterização corpuscular da luz. Essas razões são suficientes para que os autores mostrem que, já em 1905, Einstein parecia considerar que as duas teorias são de difícil conciliação. No segundo artigo, Ubirajara Rancan de Azevedo Marques examina a posição de Kant acerca do inato, analisando as metáforas orgânicas e o léxico biológico empregados nos manuscritos de 1770 e na primeira Crítica, bem como as referências à epigênese, de modo a avaliar a hipótese interpretativa de que haveria um sentido estritamente biológico para o conceito de inato, que acaba por ser concebido por Kant como uma certa disposição conforme-a-fim, originalmente presente na espécie para sua autopreservação; em todo caso, uma disposição a ser ocasionalmente desenvolvida, sem que isso signifique, apesar da relação metafórica entre a epigênese e o inato, um “inato biológico”. Encerrando os artigos, Claudemir Roque Tossato debruça-se sobre o quinto e último livro do *Ad Vitellionem paralipomena (Supplementos a Vitélio)*, obra que compõe a primeira parte do *Astronomiæ pars optica (Parte óptica da astronomia)* de 1604, para revelar o caráter inovador e o alcance das investigações ópticas de Johannes Kepler. Neste caso, a localização do texto é decisiva para a determinação da perspectiva em que se coloca Kepler: trata-se, com efeito, de circunscrever aquela parte da óptica que é relevante para o entendimento do funcionamento da visão, de modo a justificar o papel da óptica na realização de observações astronômicas. Partindo dos trabalhos anatômicos de Plater, da analogia entre o olho

e a câmara escura e do uso correto da geometria na óptica, Kepler apresenta e discute a importante descoberta de que as imagens formam-se na retina e não no cristalino do olho, o que terá conseqüências para os desenvolvimentos futuros da teoria da visão.

Scientiæ studia tem a satisfação de publicar como documento científico o *De fluxu et refluxus maris/Do fluxo e refluxo do mar* de Francis Bacon, texto manuscrito, cuja versão que conhecemos foi escrita por volta de 1611, e que estava destinado a fazer parte, juntamente com outros cinco textos que tratam de assuntos de filosofia natural, da *Instauratio Magna (Grande Instauração)*, o ambicioso projeto baconiano de reforma das ciências, do qual nos restaram os planos e algumas partes esparsas. Esquecido ou desconsiderado pelos historiadores da ciência que se dedicaram à história das marés, o *De fluxu* é aqui publicado com um ensaio introdutório que aborda duas questões centrais ligadas ao tratamento dado por Bacon às marés: a primeira, relativa à explicação nele proposta, discute a inclusão dessa explicação no conjunto dos esforços que visavam uma solução mecânica para o problema das marés; a segunda é a concepção de natureza exposta no tratado. Extraída da magia natural renascentista, a concepção de uma harmonia consensual e universal entre as coisas está concebida de modo a abrir a possibilidade para o desenvolvimento de uma explicação de tipo mecânico, o que acaba alinhando Bacon ao mecanicismo da primeira metade do século XVII.

PABLO RUBÉN MARICONDA
editor responsável